

BEISSOILEM BRIDERS, IRMÃOS PARA SEMPRE

Os cemitérios são um tipo de cidade, com “habitações” individuais, familiares ou coletivas. Existe nestas cidades uma forte relação de vizinhança que nós, em vida, estabelecemos entre as moradias dos mortos. Não nos falta imaginação para estender este pensamento para o relacionamento entre os que estão lá para sempre.

Em memória de Sonia Sirota Dratwa, Z”L.

Michel Gorski

Recentemente, após o enterro de um familiar, voltando sozinho para o carro, que havia ficado distante, fiquei perambulando meio perdido no cemitério judaico do Butantã, em São Paulo, entre milhares de túmulos. Pensei em fazer outras visitas, mas me lembrei que não é costume visitar outros túmulos depois de um enterro, porém, mesmo não indo a nenhum túmulo específico, fui, mentalmente, a muitos, ao passar pela memória vários momentos similares. Lembrei também que nunca nos perdíamos no cemitério, que era pequeno e bem conhecido.

Os cemitérios são um tipo de cidade, com “habitações” individuais, familiares ou coletivas, conforme as religiões e os costumes. Os cemitérios judaicos são de moradias individuais permanentes e, quando fazemos visitas aos nossos entes queridos, elas são dirigidas a uma pessoa, depois a outra e assim sucessivamente. Existe nestas cidades desenhadas (e muito mais controladas que a dos vivos) uma forte relação de vizinhança que nós, em vida, estabelecemos entre as moradias dos mortos. Não nos falta imaginação para estender este pensamento para o relacionamento entre os que estão lá para sempre.

Senti a força desta irmandade num dramático enterro de uma amiga, no qual, paradoxalmente, tive um momento de prazer, ao perceber que ela estava sendo enterrada bem próxima de um muito amado tio, porém por mim pouco visitado. Eu nem estava descumprindo a “ordem” de não visitar outros túmulos em dias de enterros; aliás, meu tio, gente boa, com certeza não se incomodaria.

A associação daquele momento aos relatos das viagens dos imigrantes, nas quais a proximidade criou os irmãos de navio (*shifl briders*) foi imediata. Mais que vizinhos, para mim os mortos tornaram-se irmãos de cemitério, *beissoilem briders*.

A sensação de relação familiar entre os mortos, nas cidades das sepulturas, me dá um certo consolo, pois as visitas que fazemos a eles vão rareando com o tempo. É um sentimento similar ao da distância entre os encontros com colegas de escola que víamos todos os dias, ou com os antigos amigos do bairro, de onde mudamos.

Muito prazer, tia Masha!

Esta temática me fez recordar que, dos parentes mais próximos da minha família, apenas a irmã gêmea da minha

mãe não está no cemitério do Butantã. Ela foi quase que diretamente da condição de *shifs Briders* para a de *beissolem Briders*, pouco convivendo com seus irmãos de sangue.

Aqui chegou e faleceu com oito anos e foi enterrada, em 1932, no cemitério da Vila Mariana, o mais antigo dos três cemitérios judaicos de São Paulo. Até pouco tempo atrás, a referência que a família tinha da menina eram apenas dois retratos tirados na Polônia, um só das gêmeas e outro delas na companhia do irmão menor.

Numa visita ao Arquivo Histórico Judaico Brasileiro, em São Paulo, para pesquisar a história das antigas sinagogas da cidade (também pouco visitadas, como os parentes há muito enterrados), fui apresentado ao que consideram no Arquivo um de seus maiores tesouros: o livro de registro da chegada dos imigrantes, feito pela Ezra, entidade da comunidade que se encarregava do acolhimento aos que aqui desembarcavam. Enquanto folheava, cuidadosamente, o livro, eu ouvia as explicações sobre a importância daquelas anotações, que, lamentavelmente, tinham sido encerradas em 1932.

Imediatamente, fui para as últimas páginas do livro procurar o registro da minha mãe e vi escrito pela primeira vez na vida o nome Masha Alembick, a irmã gêmea. Lá estavam também os sobrenomes tão citados nas conversas sobre os companheiros da viagem. Tive uma emoção indescritível, era tudo verdade!

Centenas de vezes ouvi o chocante relato da viagem destas crianças (em muitas delas olhando para o retrato das irmãs, bem diferentes, vestidas com roupas pretas e iguais, num fundo preto), que alguém se encarregou de trazer para o Brasil. Os três órfãos de mãe foram enviados ao encontro do pai, que já havia emigrado anos antes.

Minha mãe não se lembra de quase nada da viagem, não sabe como comeram, se tomaram banho, se trocaram de roupa ou onde dormiam. Chegaram em São Paulo em plena Revolução de 32, conheceram o pai, que as esperava em Santos e as levou para São Roque, pequena cidade no interior, onde não havia judeus nem para o *minian*.

Pouco tempo depois, uma das crianças morreu e foi enterrada em São Paulo, na Vila Mariana, o cemitério judaico da época. A família se reestruturou com um novo casamento do pai, e a vinda de mais uma filha completou o grupo. A nova mãe passou a ser a única e eu só vim a saber que ela não era minha avó verdadeira depois do seu falecimento.



As meninas gêmeas que imigraram ao Brasil em 1932.

Na batalha para tocar a vida dos vivos, mais uma vez o tempo se sobrepôs ao espaço, e a outra filha foi ficando sozinha, morando longe dos outros, na cidade de lápides, entre seus novos irmãos.

Sob este impacto emocional, decidi conhecer a terceira referência da menina gêmea, sua residência permanente, para ver a outra inscrição de seu nome. Ela já se chamava Martha Alenbick.

Ao mostrar a fotografia das irmãs a um amigo, ele disse: "Você é parecido com a sua tia". Nunca havia passado pela minha cabeça que a menina de preto, um pouco mais alta que a outra, que morreu vinte anos antes do meu nascimento, fosse minha tia.

Ao colocar a pedrinha na sepultura, pude dizer: muito prazer, tia Masha! ✧

Michel Gorski é arquiteto e urbanista, diretor do escritório *Barbieri & Gorski Arquitetos Associados*, especializado em projetos e consultorias em lazer, cultura, entretenimento e paisagismo.